

A retomada do crescimento

O pequeno número de projetos efetivamente votados e aprovados pelo Congresso Nacional durante esta convocação extraordinária em julho, tradicionalmente mês de recesso parlamentar, é um bom indicador de um estado de paralisia que atinge não só o Poder Legislativo, mas todo o País. No âmbito do Executivo, conforme notícia veiculada ontem por este jornal, incontáveis projetos prioritários estão com seus cronogramas atrasados. É hora de o País reagir e retomar um ritmo tão intenso quanto o que foi vivido pela nossa economia nos anos setenta.

O número mais representativo desta letargia oficial é, sem dúvida, o que se refere à construção dos Centros Integrados de Apoio à Criança (Ciacs). Segundo o planejamento inicial, agora, em 1992, deveriam ser construídas 942 destas escolas de atendimento integral, em todo o País. No entanto, apenas 4 delas ficaram prontas. O ministro Carlos Garcia, que assumiu a tarefa de levar adiante este que é um dos principais programas governamentais, já reduziu a meta para 400. Ora, se o ritmo nos projetos prioritários é este, outras iniciativas menos visadas devem estar sofrendo um retardamento ainda mais acentuado.

No campo da economia, vários fatores concorrem para dar a impressão de imobilidade, de que o Brasil parece estar de mãos atadas. A inflação, que persiste no patamar de 20 por cento ao mês e que não cede nem mesmo à dura política recessiva — ortodoxa — imposta pela equipe do ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, não cai. Da mesma forma que não cedeu às pajelanças e magias dos “pacotes”, que congelaram salários e preços. A vertiginosa queda

do valor real dos salários, além de corroer o orçamento dos trabalhadores, repercute de forma dramática no comércio e na indústria.

O quadro brasileiro fica ainda mais complicado quando se leva em consideração a distribuição da renda no País, que é uma das piores do mundo. Poucos têm muito e muitíssimos não têm quase nada.

O Brasil precisa sacudir o torpor que o acomete neste momento. Vários outros países passaram pelo mesmo estágio, quando trocaram uma economia altamente centralizada nas mãos do Estado por uma mais livre e arejada. Este é um momento inevitável na mudança, mas temos de lutar para que seja o mais curto possível. Os desacertos de nossa economia remontam ao início dos anos oitenta, quando não soubemos dar uma resposta rápida aos desafios que surgiam à nossa frente. Vivíamos ainda os doces, mas enganadores, eflúvios do milagre dos anos setenta.

A grande tarefa que surge hoje diante do Brasil é a de retomar o crescimento. Mas esta retomada deve levar em conta também uma distribuição mais justa da renda nacional. Não é aceitável que um País tão rico possa conviver com índices tão altos de miséria. O desnível só serve para incendiar ainda mais a violência que impera nas grandes cidades.

Pôr o País de novo nos trilhos é uma tarefa de todos — povo e governo, empresários e trabalhadores. Ninguém pode se eximir. O Brasil tem um potencial que o coloca sempre entre as nações apontadas como as de maiores possibilidades no futuro. Mas, para que isso se realize, é preciso um gigantesco esforço da vontade nacional.